

O Estado de S. Paulo

17/5/1984

A revolta em Guariba

Sob tensão, polícia ocupa Guariba

IRENE VUCOVIX

Enviada especial

A pequena cidade de Guariba, no interior do Estado, lembrava ontem de manhã o centro de São Paulo depois dos saques de abril do ano passado: viaturas e cães da PM circulavam pela cidade para impedir novos protestos que culminaram anteontem com um morto e 30 feridos, além de os escritórios da Sabesp e o maior supermercado da cidade terem sido destruídos. Mas, durante a tarde, o Pelotão de Choque voltou a entrar em ação para dispersar manifestantes com bombas de gás lacrimogêneo. Ameaças de quebra-quebra, tentativas de bloquear a entrada de Guariba, pequenos incêndios: as lideranças, entre elas pessoas de outras cidades, queriam impedir que os cortadores de cana voltassem ao trabalho nas usinas.

A cidade amanheceu ontem com o estádio municipal Domingos Baldan repleto de cortadores de cana — mais de dois mil —, que, em assembléia, decidiram continuar a greve iniciada na terça-feira, apoiados por representantes da CUT e dos Sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo e dos Metalúrgicos de São Bernardo. A continuidade da greve foi decidida porque os usineiros atenderam apenas a uma das 19 reivindicações dos trabalhadores: a mudança no sistema de trabalho de sete para cinco ruas.

Além disso, no entanto, eles querem estabilidade de um ano no emprego, pagamento por metro e por tonelada de cana cortada e recibo diário comprovando a produção, entre outras reivindicações. Representantes dos Sindicatos dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e dos Metalúrgicos falaram durante a assembléia, dizendo que ninguém deve ter medo da Polícia e que, se for necessário, serão arrecadados alimentos e dinheiro nas fábricas para garantir a continuidade da greve.

Como no centro de São Paulo, há mais de um ano, os boatos foram muitos. "Um supermercado está sendo saqueado", diziam alguns. "Duzentos cortadores de cana saíram em passeata armados de facões", repetiam outros. E, como na Capital, apareceram também referências à participação de pessoas estranhas ao movimento. Uma cortadora de cana, Expedita Rosa, admitiu até que a invasão aos escritórios da Sabesp e os saques deveriam ter ocorrido no sábado de Aleluia, dizendo que os trabalhadores tem apoio "de uma pessoa de lá", sem especificar a quem se referia. Guariba sabia o que ia acontecer.

Expedita, moradora do bairro Jordão e trabalhadora da usina São Martinho, a maior do País, afirmou que 23 turmas de cortadores de cana não trabalharam segunda-feira e decidiram cercar as estradas de Guariba na terça-feira para impedir a saída dos caminhões e ônibus de bóias-frias da cidade. "Cercamos a rodovia com árvores, furamos pneus, quebramos vidros — conta. Todos com o podão (facão) na mão."

Segundo ela, os cortadores de cana estão revoltados com o sistema de trabalho das usinas, que colocam máquinas para cortar cana boa, e deixam para os trabalhadores apenas a ruim, de brejo ou "pé de rolo", como é chamada a cana que o vento derruba. "Em uma hora, um bom cortador recolhe até uma tonelada de cana boa, mas não dá para fazer isso com o pé de rolo."

Mas a revolta dos trabalhadores tem outras causas: as taxas cobradas pela Sabesp, que elevou de 50 para 100% o custo de coleta de esgoto em relação ao consumo de água e os

preços do supermercado Santo Antônio Maria Clarete, cujo proprietário, Claudio Amorim, é acusado de suspender o crédito de muitos cortadores de cana, cobrar juros extorsivos e elevar todos os preços antes mesmo que começasse o corte da cana, no início de maio.

"Foi fácil reunir o povo", conta Lurdes Pereira da Silva Marques, também trabalhadora da usina São Martinho. "Fomos para a Sabesp igual a um bando, riscando podão no asfalto. Guerra é guerra, não é?" Lurdes lembra que foi tudo picado ou queimado, até o dinheiro que estava no escritório da empresa, na praça central da cidade. "Pusemos fogo no prédio, mas não pegou", diz, para completar: "Dali, eles não aproveitam nada". Todos admitem: tinham instruções para atacar. Não foi no sábado da Aleluia, tinha de ser na terça-feira.

Depois da Sabesp, foi a vez do supermercado de Cláudio Amorim e, quando a Polícia reagiu, contam, "ninguém ligou mais pra levar tiro ou morrer". Essa disposição, Amorim constatou e se assustou: "Estavam loucos, explodiam botijões de gás e não ligavam para o perigo, vinham em cima das balas da Polícia, mataram um cachorro da PM com facão". Cláudio alertou todos os comerciantes da cidade, os proprietários de postos de gasolina, os empreiteiros das usinas, os funcionários da Sabesp e da Companhia Paulista de Forçar Luz de madrugada. Sabia que quebrariam a Sabesp e o comércio inteiro de Guariba. Às sete horas, Amorim já estava na delegacia, comunicando ao delegado que, às dez horas, a cidade seria destruída. Mas seu pedido foi inútil. Às 11 horas, quando chegou reforço policial, a pacata Guariba já tinha vivido as depredações e o supermercado de Amorim estava quase totalmente destruído, com um prejuízo de Cr\$ 200 milhões. Amorim não tem dúvidas: a manifestação foi organizada por gente de fora, de São Paulo. "O povo daqui não está à altura de fazer isso" — explicava. "Bóia-fria é tudo pacato."

Segundo os cortadores de cana, o primeiro tiro partiu de Amorim, mas ele nega que tenha usado um revólver durante as manifestações: a questão deverá ser esclarecida, pois o delegado de Guariba, Luiz Carlos Santelo, confirma que o legista encontrou uma perfuração de calibre pequeno, de arma não utilizada pela PM, no corpo de Amaral Vaz Meloni, o aposentado de 47 anos que morreu com um tiro no rosto, próximo do supermercado. "Assim que a situação se normalizar, vou instaurar inquérito", garantia ontem o delegado.

Para os cortadores de cana, no entanto, os problemas estão longe de acabar e eles admitem que se a Sabesp "continuar com o roubo, nós vamos nos reunir e derrubar o prédio de novo". Mostrando sua conta de água — Cr\$ 48.204,00 —, Pedro Pereira dos Santos perguntava: "Vou comer o quê?". Na conta, o motivo da revolta. O cálculo da tarifa de água é de Cr\$ 24.102,00 e o de esgoto, de igual valor. "Somos quatro pessoas lá em casa" — queixa-se Pedro. "E só temos uma torneira." Algumas contas chegam de Cr\$ 100 mil. O pedreiro Matheus Marcos dos Santos Perdiz, por exemplo, recebeu no mês passado uma conta de quase Cr\$ 75 mil e, depois de muito reclamar, conseguiu da Sabesp uma redução para Cr\$ 50 mil. Antes, minha água custava Cr\$ 5 mil, lamenta.

Para o vereador do PMDB e presidente da Sabesp, Carlos Alberto Dairocha, conhecido como "Carlinhos Tiago", o que aconteceu com o prédio da empresa foi apenas uma consequência da revolta dos cortadores de cana com seu sistema de trabalho. Acusado de prometer, durante a campanha, transferir o fornecimento de água da Sabesp para a prefeitura, e de agora mandar suspender o fornecimento de quem não paga as contas, ele diz que assumiu o cargo de presidente da empresa "para tentar melhorar". Admite que as contas estão elevadas, mas explica que procurou todas as prefeituras vizinhas, não servidas pela Sabesp, para elaborar um levantamento do custo das tarifas: "a água dessas cidades é mais barata, mas a nossa é melhor".

"Estamos elaborando uma nova tarifa social", justifica-se, culpando os reajustes do BNH e o FMI pelo preço da água da Sabesp. Segundo Rocha, mais de dois mil moradores de Guariba

pagam apenas Cr\$ 1.412,00 mensais pela água, outros mil, cerca de Cr\$ 4 mil, e 11% entre dez e 50 mil cruzeiros.

Ontem, Guariba amanheceu sem água, porque havia suspeita de envenenamento na caixa central da Sabesp. Os reservatórios foram lavados, as redes descarregadas e à tarde o fornecimento foi restabelecido. Rocha ainda está aguardando os resultados das análises em amostras mandadas para São Paulo, Franca e Ribeirão Preto. O prejuízo da empresa foi de Cr\$ 100 milhões e ele também acredita na participação de "gente de outras cidades" no movimento.

O forte policiamento, que o comandante da área Interior-3, coronel Lincoln Porfírio da Silva, preferiu não dimensionar — "É o suficiente para manter a ordem, a calma e a tranquilidade na cidade" —, só foi acionado para dispersar cortadores de cana que pretendiam seguir até as vizinhas Pradópolis e Barrinha, com objetivo de paralisar também o trabalho nos canaviais daquelas regiões.

(Página 14)